

O INSÓLITO NACIONALISMO BRASILEIRO EM MEMES POLÍTICOS DE INTERNET DO BOLSONARISMO COM SUPERMAN E CAPITÃO AMÉRICA

Guilherme Sfredo Miorando¹

Resumo: Superman e Capitão América são os super-heróis nacionalistas dos Estados Unidos por excelência. Mas por que estão sendo utilizados pelo bolsonarismo associados a sentidos de nacionalidade brasileira? Este artigo tenta responder a esta questão por meio de uma análise de elementos nacionalistas dos Estados Unidos nestas figuras. Também são pensadas teorias que dão conta da conceituação e do uso dos memes políticos, muito presentes nos últimos pleitos. É discutido como o nacionalismo, o autoritarismo e o bolsonarismo se relacionam com os memes políticos de super-heróis para então analisar o conteúdo de dois memes, um deles com Jair Bolsonaro como Capitão América e outro, como Superman. Conclui-se que esta é uma estratégia comum da extrema-direita, relacionada com uma noção de apagamento de fronteiras semióticas e de hipercomunicação, prática comum dos tempos neoliberais e plataformizados.

Palavras-chave: super-heróis; bolsonarismo; nacionalismo; memes; política.

THE UNUSUAL BRAZILIAN NATIONALISM IN POLITICAL INTERNET MEMES OF BOLSONARISM WITH SUPERMAN AND CAPTAIN AMERICA

Abstract: Superman and Captain America are the quintessential nationalist superheroes of the United States. But why are they being used by Bolsonaro supporters to associate them with Brazilian nationality? This article attempts to answer this question by analyzing the nationalist elements of the United States in these figures. Theories that account for the conceptualization and use of political memes, which have been very present in recent elections, are also considered. The article discusses how nationalism, authoritarianism, and Bolsonaro supporters relate to political superhero memes, and then analyzes the content of two memes, one with Jair Bolsonaro as Captain America and the other with Superman. The article concludes that this is a common strategy of the far right, related to a notion of erasing semiotic boundaries and hypercommunication, a common practice in neoliberal and platformized times.

Keywords: superheroes; bolsonarism; nationalism; memes; politics.

Desde sua origem nos anos 1930, passando por sua reinvenção nos anos 1950 e 1960, as bases das histórias dos super-heróis sempre se dividiram entre temas de uma pseudociência e temas mágicos e sobrenaturais (Gresh; Weinberg, 2005). O insólito nos super-heróis, portanto, sempre

¹ Realiza estágio pós-doutoral em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade LaSalle. Especialista em Histórias em Quadrinhos pelas Faculdades EST. Especialista em Imagem Publicitária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bacharel em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faz parte da diretoria da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS) e é membro-fundador da International Society for Superheroes Studies.

esteve presente, unindo preceitos de aventura, ficção científica e fantasia como subgêneros ou temáticas relacionadas a essas produções midiáticas que vão desde seu suporte original, as histórias em quadrinhos, até chegarem aos atuais memes de internet, produzidos com as mais diversas fontes de imagens.

Contudo, mais insólito que as temáticas e tramas das narrativas dos super-heróis, que juraram proteger os fracos e oprimidos, é sua utilização massiva pela extrema direita mundial. Entre algumas das agendas dessa inclinação política está justamente a perseguição aos fracos e oprimidos e erradicação daqueles que são diferentes e, portanto, considerados minorias, sejam elas sociais, sexuais, políticas ou demais classificações. Causa espanto que corpos e uniformes de personagens super-heróicos desenvolvidos por artistas com inclinações progressistas estampem a face de políticos autoritários, quando se realiza uma pesquisa rápida no Google Images juxtapondo o nome dessas autoridades e o de super-heróis.

Além disso, em uma camada extra de singularidade e atipicidade, é mais excêntrico ainda refletir que super-heróis como o Superman e o Capitão América, alguns dos mais utilizados combinados ao rosto de autoridades de extrema direita, sejam símbolos dos Estados Unidos. Isso porque, quase que de forma total, esses políticos possuem um discurso nacionalista e, mais que isso, “anti-globalista”, para usar um termo da direita radical. Ao mesmo tempo que se opõem a minorias reivindicando um espaço nacional “puro”, esses homens públicos se alinham a doutrinas e ideologias que não são originárias de seu espaço nacional, mas que, por outro lado, se alinham a um pensamento supremacista e de dominação.

Neste artigo, pretendo analisar esse insólito fenômeno de apropriação dos sentidos dos super-heróis pela extrema direita, analisando dois memes de internet usados pelo bolsonarismo. O primeiro deles utiliza uma imagem do Capitão América calcada no famoso cartaz “I Want You” de J. M. Flag, símbolo do exército estadunidense, mas com mudança de cores e com o rosto do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. O outro meme traz um Bolsonaro vestido como um Superman anti-comunista, também com cores alteradas. Antes dessa análise contextualizo o surgimento, origens e outras relações culturais estabelecidas pelos personagens Superman e Capitão América como símbolos nacionalistas dos Estados Unidos. Em seguida, trago conceitos de memes, em especial os de internet, e como estes artefatos são utilizados com fins políticos. Sigo traçando relações entre nacionalismo e bolsonarismo, para então desenvolver uma análise descritiva do conteúdo dos memes e partir para as considerações finais deste artigo.

Superman e Capitão América: dois super-heróis nacionalistas por excelência

O contexto sociocultural da década de 1930 nos Estados Unidos, em que os super-heróis surgiram, a começar pelo Superman, é moldado pelas consequências do crash da bolsa de valores de Nova York em 1929, sobretudo devido à grande depressão econômica. Na Europa, Adolf Hitler e o partido nazista estavam em ascensão, bem como a perseguição aos judeus daquele continente. O entretenimento começava a envolver uma cultura de massa com a popularização do cinema e do rádio.

O Superman foi criado por dois garotos de etnia judaica de Cleveland, Ohio, nos Estados Unidos, chamados Jerry Siegel e Joe Shuster. Os primeiros trabalhos publicados de Siegel e Shuster são histórias em quadrinhos de personagens com temática de capa e espada e inspiração sobrenatural publicados pela National Allied Publishing. A editora logo lançaria a revista *Detective Comics* (a revista que deu nome à editora *DC Comics*), cujo primeiro número traria outra criação dos dois, o detetive Slam Bradley. Quando a National muda de dono, seus editores lançam o Superman em setembro de 1938, no primeiríssimo número da revista *Action Comics*. Pelo conteúdo do primeiro número de *Action Comics* e pelos direitos do personagem, Siegel e Shuster recebem um cheque de apenas cento e trinta dólares.

O Superman, consagrado o primeiro super-herói, é considerado também o primeiro super-herói nacionalista (Curtis, 2016) pela sua associação com a defesa do chamado “modo de vida americano” e os elementos correlatos do messianismo e da doutrina do Destino Manifesto. Para Jason Dittmer (2013, p. 7, tradução do autor), o super-herói nacionalista faz parte de uma narrativa em que “o herói explicitamente se identifica como representante e defensor de um estado-nação específico, muitas vezes através de seu nome, uniforme ou missão”. Para este autor, existe uma linha tênue que separa o Superman do Capitão América no que tange ao nacionalismo. Enquanto o primeiro luta pelo povo estadunidense mais do que pela América como uma ideia abstrata, o segundo é a incorporação do sonho estadunidense.

De toda forma, para Dittmer (2013), o super-herói nacionalista possui um fardo que os outros não carregam: encarnar o estado-nação. O autor acredita que os super-heróis são co-constituintes e não resultantes do discurso do excepcionalismo estadunidense. O excepcionalismo estadunidense é a ideia de que os Estados Unidos são diferentes dos outros países por causa do seu desenvolvimento histórico, suas experiências fronteiriças ou apenas por causa de sua função na ordem internacional.

Apesar de o Superman merecer um grande destaque por seu pioneirismo, o super-herói nacionalista por excelência se tornou o Capitão América, que apareceu pela primeira vez na revista *Captain America Comics #1*, de dezembro de 1941, desferindo um soco na cara de Adolf Hitler. Nesta

época, os Estados Unidos ainda estavam em paz e o Superman não possuía ligações com a guerra que acontecia na Europa.

Utilizando a categoria da soberania, Neal Curtis (2016) define o Superman e o Capitão América como os personagens de maior autoridade nos universos *DC Comics* e *Marvel Comics*, respectivamente. O autor define o poder soberano, inerente aos super-heróis, como aquela vontade que decide quem pertence a uma comunidade política sob a proteção da lei e aqueles cuja existência não deve ser levada em consideração e que não são alcançados pela lei. Essa prática de exclusão seria uma forma de disciplinar essa comunidade em prol de um “bem coletivo”. Para ele, os super-heróis são a representação da manutenção do poder feito visível. O Superman carrega uma aura de divindade, de soberania absolutista, enquanto o Capitão América traz à tona a visão moderna de soberania imanente da vontade do povo.

Eles representam a continuidade desse momento superexecutivo, quasi-teológico, transcendente que persiste nas modernas concepções de soberania e seus pressupostos de legitimidade, é essa transcendência que dá a eles a maior autoridade. É um poder que nenhuma mutação física, transformação química ou melhoria tecnológica pode alcançar, e ainda assim é o elemento “invisível” que precisa compor todo super-herói, em graus variados (Curtis, 2016, p. 14).

Curtis (2016) expõe que, se a legitimidade do Superman vem de um comprometimento com um futuro em aberto, a referente ao Capitão América se desenvolve a partir da defesa das origens. Para Christian Steinmetz (2009, p. 191), “os mitos dos quadrinhos estão continuamente no processo de performar uma manutenção das fronteiras do espaço nacional imaginário”, por essa razão são úteis para entender o patriotismo. Curtis (2016) destaca que o surgimento dos primeiros super-heróis tem a ver com uma cultura preocupada com temas como o patrimônio físico e racial do povo estadunidense, como é explicitado na história de origem do Capitão América, um experimento de eugenia, feito pelos Estados Unidos.

O corpo do super-herói nacionalista é um espetáculo; o uso de trajes e máscaras apenas enfatiza que o corpo é uma visão a ser contemplada (mesmo que não totalmente compreendida). Sempre altamente visíveis, mas com sua raça geralmente considerada tácita e indigna de atenção, os corpos dos super-heróis nacionalistas são constitutivos de um amplo (e racializado) corpo político com o qual estão alinhados. (DITTMER, 2013, p. 47, tradução do autor).

Para Dittmer (2013), tanto a construção narrativa e dos super-heróis quanto a identidade de uma nação são desenvolvidas por meio de projetos diversos, de muitos autores, gerando uma expansão exponencial de seu conjunto de narrativas. Essas narrativas também possuem seus policiais de fronteira, exércitos de fãs que investem pesadamente na continuidade dessas histórias. Para o autor, o corpo do super-herói nacionalista comprime a diversidade da nação na representação

de um corpo de gênero e raça específicos. Esse tipo de representação, seja daqueles que são definidos como aliados, como aqueles que são tidos como ameaças, toma a forma de técnicas visuais que marcam o que pertence a “nós” e o que pertence a “eles”, como muitas capas dos comic books da Segunda Guerra Mundial faziam.

Memés políticos da internet

Segundo Richard Brodie (2009, p. 27), um meme é “a unidade básica de transmissão ou imitação cultural” e a memética é “o estudo do funcionamento dos memes: como eles interagem, como se multiplicam e evoluem”. No livro *O gene egoísta*, o biólogo Richard Dawkins (2007) cunhou o termo meme, como um neologismo entre as palavras mimesis e gene. Em sua teoria, ele definiu que memes estão para a cultura como os genes estão para o organismo. Ou seja, eles servem como replicadores de uma forma de ideia que se espalha pela cultura, por meio da imitação. Na definição de Susan Blackmore (1999), uma das mais aguerridas defensoras dos memes, este fenômeno pode ser descrito como instruções para comportamentos que são armazenados no cérebro e que são replicados por imitação, criando assim, padrões de comportamento.

Limor Shifman observa que os memes não são “unidades discretas isoladas”, mas “blocos construídos de culturas complexas, entrelaçando e interagindo uns com outros” (Shifman, 2013, p. 189, tradução do autor). A autora também destaca que os memes são considerados frequentemente como peças prosaicas das culturas populares, quando considerados como resultado da digitalização e da plataformização, tendo desempenhado e continuam a desempenhar um grande papel nos eventos definidores do século XXI. Nakamura (2014) destaca que os memes se destacam pela utilização de um forte sentido de paródia, mas também por sua estereotipia regressiva.

Limor Shifman (2013, p. 41, tradução do autor) define os memes da internet como “a) um grupo de itens digitais dividindo características comuns de conteúdo, forma, e/ou instância, que b) foram criados conscientes uns dos outros, e c) estiveram circulando, sendo imitados e/ou transformados através da Internet por muitos usuários”. Assim, entendo que as imagens que compõem o *corpus* deste trabalho podem ser classificadas como memes da internet, mas existem outras acepções para estas peças que devem ser verificadas antes de tomarmos o conceito de memes da internet como orientador desta pesquisa.

Para Viktor Chagas (2020, p. 276), “a propaganda política pode ser interpretada como um meme se e quando produzida com finalidade específica de gerar grande repercussão junto ao público através de uma mensagem e/ou um formato que facilite a sua reprodução”. Segundo Chagas (2020, p. 260), “algumas imagens são capazes de sintetizar/personificar um conjunto de referências

sobre os políticos ou o cenário da política e, de certo modo, recuperam as teses sobre o teatro político e a política de opinião”. Esses estereótipos ajudam a simplificar a política, mas também a tornar os debates nesses espaços digitais mais rasos. Chagas (2020) cita como exemplos o sapo barbudo, a Dilma bolada, os coxinhas e as feminazis. Para o direcionamento desta pesquisa, os super-heróis bolsonaristas, o mito e as imagens de masculinidade dominante associadas a Bolsonaro e seus asseclas seriam exemplos dessas imagens através de memes.

Assim, ao utilizar a estratégia comunicacional da memética aliada à representação das imagens de culto dos super-heróis, o bolsonarismo está de posse de um poderoso aparato para disseminar suas ideias. Os memes em geral e em particular os do bolsonarismo desconstróem uma crença em uma cultura ideal. Como o bolsonarismo se coloca como antissistema, utilizar os memes para desarticular esse sistema, principalmente o político, através de uma estética grosseira, vai ao encontro de suas ideias e crenças.

Nos memes, essa desconstrução está no dismantelamento da sisudez das imagens jornalísticas, na dessacralização da aura artística das obras de arte, na releitura esteticamente grosseira das produções profissionais do cinema e da TV, bem como das imagens amadoras cotidianas, que apesar de não serem sequer obras artísticas, muito menos parte de um ideal cultural, entram no jogo das recriações, possíveis pela linguagem do meme (Horta, 2015, p. 164).

Além disso, precisamos levar em conta que no Brasil os memes estão associados a essa desconstrução da política, estetizando-a, tornando-a mais palatável para camadas de base da população, geralmente pelo uso do humor ou de elementos da cultura pop, como é o caso das associações do bolsonarismo com os super-heróis. Uma das figuras cruciais para o sucesso de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 foi seu filho 02, Carlos Bolsonaro. No livro escrito pelo filho 03, Eduardo Bolsonaro, são reiteradas as vezes em que Carlos é considerado mentor intelectual das redes sociais de seu pai e responsável por uma campanha pouco custosa em termos monetários. Eduardo também ressalta o clima de “zoeira” presente nas redes sociais que ajudaram a catapultar a fama de seu pai, como a página de Facebook *Bolsonaro Zuero*. Para ele, com “a massificação das redes sociais, o ‘brasileiro comum’ descobriu que Jair Bolsonaro era o líder pelo qual ele esperava fazia décadas” (Bolsonaro; Mendes, 2022, p. 185).

É nesse contexto que surgem os memes que retratam os super-heróis do bolsonarismo. Se mostram antissistêmicos ao colocarem o azarão nas eleições como uma força capaz de conquistar o Brasil, mas não de forma irônica e sim para suprir a necessidade de subversão de poder que emana das classes menos favorecidas. Dão a impressão que ao povo que não tem fala sobrou apenas a zoeira de reagir massivamente nas eleições, como o caso da eleição do cantor e palhaço Tiririca a

deputado federal em 2010, com 1,3 milhão de eleitores, o número mais expressivo do país. A lógica da subversão, responsável pela eleição de Bolsonaro e de suas ideias e crenças, também foi uma das alavancas para a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e de diversos representantes da direita alternativa ao redor do mundo após a crise econômica de 2008. Chagas (2020, p. 263) define os memes políticos, de forma abrangente, como:

Fórmulas discursivas ou artefatos culturais que, a partir de uma interação com seus congêneres, e através de um processo de circulação em diferentes redes sociais, são capazes de despertar ou demonstrar o engajamento político do sujeito, ou ainda o socializar com o debate público, através de uma linguagem metafórica e orientada à construção de um enredo ou enquadramento próprios que fazem uso, muitas vezes, de referências da cultura popular.

Por essa definição, esses memes não necessariamente precisam ser propaganda negativa, que desabona os adversários, mas também como campanhas que destacam as virtudes de um político apelando à razão e à emoção. Boa parte do uso de super-heróis no bolsonarismo serve para sublinhar características positivas e masculinas relacionadas aos políticos, com poucas, mas ainda assim presentes, formas de difamar seus adversários.

Como ferramenta e elemento da construção dos memes, a cultura pop está aliada a eles para estabelecer uma discussão política. Por fazer parte do cotidiano das pessoas e de suas identidades culturais, a cultura pop torna as complexas e impenetráveis discussões da política mais palatáveis para o público em geral (Shifman, 2013). A cultura *pop* acaba servindo como plataforma lúdica para discutir política, que produz engajamento na forma de comunicarmos nossas ideias, crenças e valores uns com os outros, para a construção social de poder através de um sistema de governo, que é uma das definições de política. Ao mesmo tempo, os memes relacionados à política também servem a um processo de despolitização, em que a crítica e a política são deixadas de lado pela pura diversão e pela zoeira que nunca acaba. Essa premissa vai ao encontro do posicionamento antissistema e antipolítico de Jair Bolsonaro.

Para além da discussão da despolitização, Shifman (2013) coloca que os memes de fundo político têm evoluído para se tornarem mais visuais que seus predecessores. Essa é uma mudança que, a partir do ponto de vista dos memes, deixa esses artefatos culturais mais fáceis de serem replicadas, utilizadas e espalhadas. Por outro lado, a autora acredita que a polissemia das imagens deixa aberta múltiplas possibilidades de leitura, evocando interpretações contrastantes. Isso está implicado no caso dos super-heróis do bolsonarismo quando essas imagens são utilizadas ou pela direita ou pela esquerda, ampliando suas possibilidades de interpretação. A própria associação com os super-heróis e seus sentidos e significados deixaria a mensagem mais ambígua e complexa.

Nacionalismo, autoritarismo e bolsonarismo

Em seu ensaio sobre o nacionalismo, George Orwell (2022) acredita que essa mentalidade difere do patriotismo. Patriotismo é entendido pelo autor como uma devoção a um determinado lugar e um determinado modo de vida, considerado pelo patriota o melhor do mundo, mas que não é imposto aos demais. É defensivo em termos militares e culturais. Já o nacionalismo, para Orwell, não pode ser dividido do desejo de poder, já que todo nacionalista deseja obter mais poder e prestígio, que vai além de si mesmo, mas para a nação ou unidade de grupo ao qual decidiu se identificar com. Trata-se de uma mentalidade que reflete basicamente em termos de comparação e competição. O nacionalista não deseja se aliar ao lado mais forte da contenda, mas ao ter escolhido seu lado, se convence de que esse é o mais forte e pelo qual lutará mesmo com fatos sendo apontados esmagadoramente contra essa pessoa. “O nacionalismo é a sede de poder temperada pelo autoengano. Todo nacionalista é capaz da mais flagrante desonestidade, mas tem também - pois pensa servir a algo maior do que ele próprio - a certeza inabalável de estar correto” (Orwell, 2022, p. 118).

A dualidade “bem” e “mal” do populismo e do fascismo, tende a classificar como “nós” a si mesmo e seus superiores e como “eles”, seus inferiores. Uma divisão semelhante ao “povo” e as “elites” do populismo ou dos “culpados” e “vítimas”, e por conseguinte, “super-heróis/mocinhos” e “super vilões/bandidos”. Ainda,

O autoritarismo atrai pessoas que não conseguem tolerar a complexidade: não há nada intrinsecamente “de esquerda” ou “de direita” nesse instinto. Ele é antipluralista. Suspeita de pessoas com ideias diferentes. É alérgico a debates ferozes. [...] Trata-se de um estado mental, não de um conjunto de ideias (Applebaum, 2020, p. 20).

O bolsonarismo, mais que um movimento político, é uma mentalidade. De acordo com teorias de Fromm e Adorno, Vilma Rosa (2020, p. 13) acrescenta a isso “manifestações de agressividade à oposição, censura às opiniões, controle do pensamento e emprego de métodos agressivos de controle político e social” para conceituar o autoritarismo. Todas essas, são definições que podemos encontrar no governo de Jair Bolsonaro. A autora também diferencia o totalitarismo, como ideologia, do autoritarismo, como mentalidade. Considera que o indivíduo autoritário é submisso àqueles que acredita serem superiores a ele, mas dominador sobre aqueles que julga inferiores a si.

A ascensão da extrema direita no mundo também se apoia na conjugação das forças opostas e combinadas da neofilia e neofobia. Da mesma forma, o bolsonarismo pode ser analisado como um meme, na acepção original do termo. Afinal, as disputas eleitorais ao redor do globo têm

se propagado na arena digital através de um conflito de ideias. Por exemplo, na reeleição de Barack Obama, nos Estados Unidos, alguns estudiosos e jornalistas acabaram batizando o pleito como “a eleição dos memes” (Jurgenson, 2012; Jeffries, 2012).

Adrienne Jeffries (2012) salientou que em 2012 a produção de memes durante os debates presidenciais através de GIFs no Twitter/X ou no Tumblr aumentou consideravelmente comparado com eventos semelhantes anteriores. Ela destaca que as gafes dos políticos são um terreno fértil para o florescimento de memes. Os debates presidenciais e as eleições brasileiras também foram geradores de memes que são repetidos até hoje. Posso elencar como exemplos a bola de papel que atingiu José Serra em 2010; o meme “Quero” do candidato do Partido Verde, Eduardo Jorge, em 2014; a pronúncia carioca do candidato Cabo Daciolo falando “Glória a Deux!” em 2018; e Lula falando “Não quero ficar perto de você!” para Bolsonaro, no debate final de 2022.

Jurgenson (2012) considera que as campanhas políticas não conseguem produzir memes, mas conseguem reagir a eles, reforçando aqueles que são favoráveis a seus candidatos. Acabam injetando alguma autenticidade em um processo exagerado e socialmente desgastado. Dessa forma, para o sociólogo, a “eleição dos memes” apresentou um embate entre as campanhas presidenciais e a grande mídia contra as plataformas digitais, provocando uma reação catártica em resposta a um sistema político que faz com que o povo se sinta desimportante. Os memes, portanto, parecem para aqueles que os utilizam uma forma de engajamento político mais potente que o voto, ou ainda uma forma mais participativa de fazer parte da cidadania.

George Orwell (2022) elenca três elementos essenciais ao nacionalismo, que seriam (a) *a obsessão*: quando nenhum nacionalista pensa, fala ou escreve que não seja sobre a superioridade do poder do seu grupo; (b) *a instabilidade*: para obter resultados que corroborem a superioridade de seu grupo, os nacionalistas estão dispostos a transferir suas lealdades. “O que se mantém constante no nacionalista é o estado mental: o objeto de seus sentimentos é mutável e pode ser imaginário” (Orwell, 2022, p.125). O nacionalismo muda seus bodes expiatórios em direção de uma salvação sem mudar a conduta daqueles que aderem a esse movimento; e (c) *a indiferença pela realidade*: em que o negacionismo está presente, pois os nacionalistas não são capazes de enxergar a semelhança entre fatos em comum. “No pensamento nacionalista há fatos que são ao mesmo tempo verídicos e inverídicos, conhecidos e desconhecidos” (Orwell, 2022, p. 127).

Essa é a razão pela qual na mentalidade nacionalista e, por extensão, na mentalidade bolsonarista a fantasia e ficção são tão fáceis de serem misturadas e se adicionam à realidade tão bem. Os super-heróis e os memes se tornam elementos tão palpáveis para serem usados pelo bolsonarismo como qualquer fato jornalístico ou dados científicos, uma vez que o nacionalista se

interessa mais pela reputação de figuras relacionadas ao seu grupo, sejam elas da política ou da cultura pop, do que com o que acontece no mundo real. “O que ele quer sentir que sua unidade está prevalecendo sobre alguma outra unidade, o que é mais fácil desqualificando o adversário do que examinando os fatos para ver se lhe servem de base” (Orwell, 2022, p. 129).

Dan Hassler-Forest (2012) traz à tona que a história de origem do Superman se relaciona com a restauração de estruturas patriarcais, como o messianismo, o nacionalismo e os valores familiares, por exemplo, e até mesmo a determinados valores neoliberais, um modelo de trama de origem que foi larga e rapidamente copiado em diversas produções. O Superman também foi um símbolo da restauração da masculinidade perdida no período da Grande Depressão nos Estados Unidos, se tornando um estereótipo da verdadeira masculinidade.

Mosse (1985) acredita que o processo de formação de estereótipos da masculinidade concedeu a cada homem todos os atributos do grupo ao qual pertence, de forma que todos os homens deveriam estar de acordo com uma masculinidade ideal. Foi através do fator compensatório e de identificação que o Superman trouxe para a masculinidade hegemônica estadunidense do entreguerras, projetando seu poderio e influenciando os homens dos Estados Unidos também durante a Segunda Guerra Mundial. Portanto, o Superman serve à cultura estadunidense como um projeto de nação.

O nacionalismo “absorvia e sancionava os costumes e a moral da classe média e desempenhou um papel crucial na difusão da respeitabilidade para todas as classes da população, por mais que essas classes se odiassem e desprezassem umas às outras” (MOSSE, 1985, p. 9). Ademais, “a masculinidade era invocada para salvaguardar a ordem existente contra os perigos da modernidade. [...] Além disso, a masculinidade simbolizava a vitalidade espiritual e material da nação” (Mosse, 1985, p. 23).

Lawrence e Jewett (2002) entendem que os desenvolvimentos de fantasias sobre o presidente de uma nação ser uma espécie de super-herói violento é um fenômeno do final do século XX. Filmes de Hollywood como *Força Aérea Um* (1997) e *Independence Day* (1996) são exemplos de narrativas que colocam o presidente de uma nação, no caso, os Estados Unidos, como um tipo de super-herói. Esse tipo de produção cinematográfica faz com que jovens votantes sejam encorajados a pensar o mundo de uma forma mais simples, que demanda um líder com instintos viscerais, com fisicalidade, sem levar em consideração que um cargo executivo demanda muito mais complexidade. “O comportamento dos heróis masculinos é tipicamente fascista, a despeito de todos os clamores para salvar a democracia” (Lawrence; Jewett, 2002, p. 351).

Análise descritiva dos memes

Em geral, nos memes em que Bolsonaro aparece como Superman ou como Capitão América, a cor vermelha, presente na bandeira dos Estados Unidos, mas também associada ao comunismo e ao PT, é muitas vezes substituída por verde e/ou amarelo. Ocorrem ainda outras alterações, como se pode verificar na Figura 1, abaixo. Um “B” de Bolsonaro e de Brasil na testa do Capitão América, onde tradicionalmente temos um “A”, de América. O escudo do personagem, outro emblema relacionado com a bandeira estadunidense é trocado por um que lembre a bandeira do Brasil ou que contenha o brasão da República, ou ainda das Forças Armadas. O Superman Bolsonaro também tem seu símbolo do peito, o “S”, trocado, por algo que remeta ao Brasil ou à luta contra o comunismo. Se por um lado o Capitão América ostenta nacionalismo e poder, emanando sentido para fora do país, por outro, o Superman serve mais para marcar sua diferença e sua luta contra comunistas, petistas, contra a grande mídia tradicional e a corrupção política, reverberando seus sentido para dentro do país.

Figura 1 - Memes com Bolsonaro como Capitão América e Superman



Fonte: montagem a partir do inventário do autor.

Essas imagens seguem uma tendência de normalizar discursos hipermasculinos, como os de Donald Trump. Outro político que está associado com a tática do exagero da masculinidade em memes é Vladimir Putin, presente em imagens que evocam militarismo e imperialismo acima de tudo. “Tanto Trump como Putin são retratados como corpos masculinos de elite e glorificados em imagens da Internet. O tema do imperialismo assume uma posição de destaque nos memes que retratam Putin e Trump” (Lamerichs *et al.*, 2018).

No caso de Jair Bolsonaro, contudo, a posição em que se encontra em relação ao cenário mundial é subserviente a estas duas antigas grandes potências mundiais e aos seus líderes de extrema direita, Trump e Putin. Isso fica claro também nos memes. Bolsonaro aparece em uma sequência de memes prestando continência aos símbolos dos Estados Unidos, incluindo aí, super-heróis, como demonstrado na figura 2. Percebe-se que nesta sequência de memes é acionada o escárnio, uma vez que os super-heróis utilizados nos memes são uma versão “subdesenvolvida”, relacionada com a América Latina. No primeiro caso, temos integrantes da Carreta Furacão², e no segundo os super-heróis Chapolin Colorado e Tio Sam, da série mexicana. Apenas as criaturas calcadas nos Estados Unidos são dignas de reverência por parte de Bolsonaro, enquanto as de origem brasileira e mexicana não devem ser levadas em conta.

Figura 2 - Série de memes com Bolsonaro prestando continência a símbolos estadunidenses



Fonte: montagem do autor a partir do inventário.

Nesta análise trago dois memes que considero os mais ilustrativos sobre a utilização de super-heróis pelo bolsonarismo, por meio do Superman e do Capitão América. A associação do Superman a figuras públicas, sem intenções de ironizá-las, está geralmente direcionada para a veiculação de sentidos de força, liderança, retidão moral e firmeza, entre outros significados relacionados à masculinidade dominante e à virilidade. Já o Capitão América se relaciona a todos esses motivos, e ainda àqueles que envolvem o patriotismo, o ufanismo e o nacionalismo. Para identificar cada figura, atribuí a elas um título, que é registrado na legenda entre aspas.

² Carreta Furacão é um "trenzinho da alegria" que se tornou largamente conhecido no Brasil. Criado em Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, seus integrantes personificam figuras populares dos quadrinhos e da TV. O nome do grupo é baseado em uma música do Fofão, apresentador infantil muito popular nos anos 1980 no Brasil.

Figura 3 – “Capitão Bolsonaro wants you”



Fonte: Google Images.

Em termos descritivos, o que chama atenção na imagem de imediato é o logotipo da campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018. Associado aos elementos imagéticos que remetem ao cartaz do Tio Sam, visto anteriormente, cria um sentido de convocatória para os possíveis eleitores do então candidato.

Em contraste com a Figura 4, abaixo, pode-se perceber um remix de diversas camadas: o cartaz do Tio Sam usado pelo Capitão América e este pelo Capitão Bolsonaro, com a troca do sentido de nacionalidade por meio do uso das cores da bandeira nacional brasileira no lugar da dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, os sentidos bélicos são acionados, uma vez que se trata de um personagem que possui a mesma patente militar de Jair Bolsonaro, capitão. O escudo acaba remetendo à bandeira Provisória da República Brasileira, de 1889, calcada no pendão dos Estados Unidos e representativa de um projeto oligárquico de sociedade. O rosto com um sorriso canastrão do ator Chris Evans, intérprete de Steve Rogers no cinema, é substituído por um rosto amigável, quase uma gargalhada de Jair Bolsonaro.

Figura 4 – “Captain America wants you”



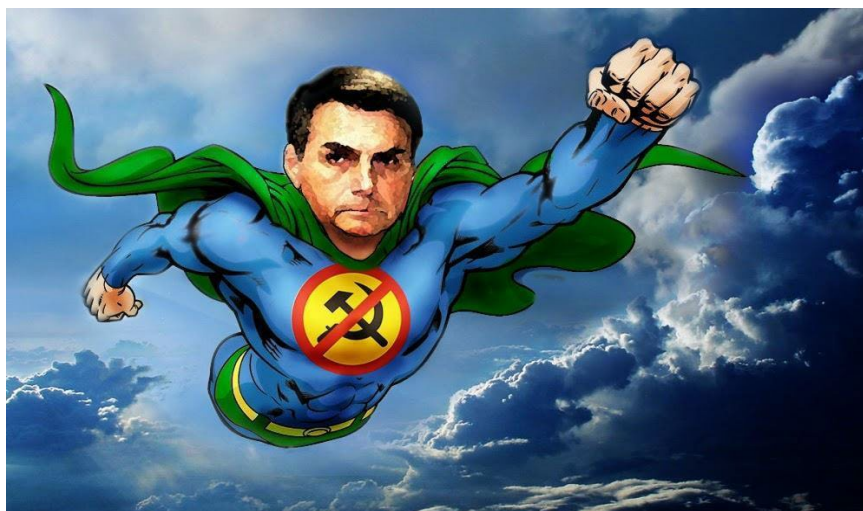
Fonte: Google Images.

O meme ocupa um espaço de representação como um cartaz de campanha política ou um santinho, porém elaborado extraoficialmente na campanha por entusiastas do então candidato Bolsonaro. Pensando no contexto das eleições, ele serve para evangelizar o público eleitor, espalhando a palavra e a necessidade de apoio à campanha do então candidato Jair Bolsonaro. A peça tem ainda a função de gerar coesão no grupo de apoio ao fazer convergir representações do candidato e de sua campanha em um imaginário que, sem conteúdo suficiente, adquire significados pela emulação de projetos e símbolos externos.

A mimetização de elementos estadunidenses também associa à peça sentidos ligados ao espectro masculino com que este país costuma se representar: estabilidade, força, imperialismo, expansão de fronteiras, belicismo. Vale expor que esses conteúdos ajudarão na replicação desta mídia em espaços que buscam apoio ou apoiam a campanha de Bolsonaro, como as plataformas digitais do WhatsApp, Telegram, Facebook e X (antigo Twitter). Desta forma, a peça parece assumir que o Brasil pode se tornar tão bom quanto os Estados Unidos se estiver sob o controle de Bolsonaro, mas isso só será concretizado se você, fruidor do meme, não apenas aceitar essa chamada como também compartilhar ela com outras pessoas. Isso será possível com a união do militarismo, do nacionalismo e da associação desse nacionalismo com a subserviência ao poderio estadunidense, do qual a peça empresta sentido.

Dando continuidade a ideários sobre o poder, o meme leva a pensar o homem branco, heterossexual, poderoso e de idade avançada, alinhado com o capitalismo e os ideais estadunidenses como aqueles dignos de confiança e de engajamento. A análise dessas ideias e crenças expõe fundamentos do desejo de manutenção do poder nas mãos de pessoas com esses atributos, reforçada pela indústria cultural e pela cultura pop, bem como pela representação majoritária dos super-heróis na mídia. Além disso, apresenta indícios de planos de cooptação de grupos sociais que se submetem a ideias de superioridade e de verticalidade do poder. Esta peça se coaduna com uma versão de mundo em que existe uma guerra entre nós e eles e que, para vencê-la, é preciso estar do lado certo; no caso, o defendido na imagem com todos os seus indissociáveis elementos.

Por sua vez, na imagem abaixo, vemos outro meme retratando Jair Bolsonaro, desta vez decalcado sobre uma imagem desenhada do Superman. Como exposto anteriormente, assim como em outros memes, a cor vermelha foi substituída por outras. “Nossa bandeira jamais será vermelha!” é um jargão comum em diversas manifestações bolsonaristas. Além disso, o símbolo do “S” do Superman, que, em suas narrativas, significa “esperança” em kryptoniano, é substituído por um símbolo de proibido gravado sobre a insígnia do socialismo, a foice e o martelo cruzados, significando o poder do proletariado pela associação entre trabalhadores rurais e urbanos. É somente nesse símbolo que o vermelho é utilizado, para ressaltar o perigo e a proibição ao poder do proletariado. Inadvertidamente, a imagem memética passa a ideia de que o poder deve, então, se concentrar nas elites e não no povo, uma vez que a foice e o martelo dos trabalhadores (socialistas ou não) está reprimida com a proibição. Nessa imagem, o rosto de Bolsonaro está sério, quase enraivecido, outra forma de mostrar a determinação de um homem com uma missão, embalado na roupagem do Superman e do sistema de crenças dos Estados Unidos, que, não por acaso, sempre se colocou como uma nação anticomunista.

Figura 5 – “Super-Bolsonaro anticomunista”

Fonte: Google Images.

Essa é uma das imagens de super-heróis associados ao bolsonarismo mais replicadas na internet. Foi, inclusive, utilizada em festas de aniversário (ver Figura 6, abaixo) de crianças e adultos. Essa utilização revela a dimensão lúdica relacionada ao bolsonarismo, uma dimensão que transita entre o escárnio e elementos da formação política brasileira como o personalismo idólatra e salvacionista ligado ao mandonismo. O símbolo anticomunista pode ser um dos indícios mais fortes encontrados nessa análise, uma vez que demarca as fronteiras de forma explícita. Estabelece um terreno semiótico onde pessoas alinhadas com o comunismo ou o socialismo não são permitidas e, caso tentem se inserir, serão punidas por meio da força de vigilância representada pelos super-heróis.

60

Figura 6 – Festa de aniversário temática de Super-Bolsonaro

Fonte: Google Images.

Em ambos os memes, percebe-se a aplicação do rosto sobre um corpo que não lhe corresponde. Tanto o rosto quanto o corpo são formas que permitem a individualização do ser humano criando fronteiras entre o próprio e o alheio. Ao atribuir ao rosto de Bolsonaro o corpo dos super-heróis, são-lhe incorporadas suas características, numa via de mão dupla por onde se transmite sentidos.

Considerações Finais

Com base nas análises e teorias apresentadas neste artigo pude demonstrar como os super-heróis, polissêmicos, podem ser apropriados, utilizados e manipulados por diversas forças. Essa acepção fica mais evidente principalmente quando analisadas essas modificações através de um campo moral e político, em que atos da extrema direita são tomados como bons e verdadeiros. Com a digitalização e a plataformização das redes e da cultura, o acúmulo de sentidos passou a ser mais diversos e menos fixo, e isso se relaciona também com as nossas noções de fronteira. Também são as fronteiras semióticas que resguardam e negociam pertencimento, e esse pertencimento também envolve noções de normal e de insólito. Os fenômenos da rede citados acima também passam a lidar com uma inclusão muito maior de sentidos e ideias, acumulados e sobrepostos, para que gerem mais consumo da sociedade. Isso está relacionado com o fenômenos da hipercomunicação, como postulado por Byung-Chul Han (2017), que acredita que a sociedade neoliberal deixou suas barreiras de lado, ou seja, suas fronteiras. A sociedade acaba esquecendo aquilo que ele chama de negatividade, uma força que dificulta as escolhas e o cotidiano, mas ao mesmo tempo torna a existência humana narrativizada, ritualizada e com sentido.

Falar de fronteiras de rompimento de barreiras também se relaciona com nossas ideias de nacionalismo, daquilo que pertence à “comunidade imaginada” (Anderson, 2008) da nação a que pertencemos ou que acreditamos pertencer. Mais uma vez esse pertencimento, essa identidade, está fraturada devido à digitalização e à plataformização. Se por um lado a extrema direita se utiliza dos super-heróis como seus guardiões de fronteira imiscuindo a imagem deles a de seus líderes, por outro é contra o “globalismo mundial”, como uma outra face da moeda do nacionalismo. É esquecido nesse processo o quanto os super-heróis simbolizam a supremacia e o excepcionalismo estadunidense, uma vez que são produtos originados e que conversam diretamente com o “modo de vida americano”.

A extrema direita coaduna com sentidos que são relacionados com o extremo positivo, para utilizar um termo de Han. Seus sentidos são hipernacionalistas, hipermasculinizados, hipercomunicacionais, hiperplataformizados, hiperturbulentos, uma soma de sentidos positivos,

que se relacionam com o que está dado e garantido na sociedade apagando com as narrativas e os rituais, conforme o pensamento de Han. Ao mesmo tempo, com o desaparecimento dessas noções, nosso sentido de comunidade se enfraquece mais e nossa individualidade é mais valorizada e se torna suprema. Temos, portanto, um superaquecimento no sistema de sentidos que acaba gerando associações insólitas, mas que, de alguma forma fazem sentido para os públicos que as recebem porque apenas consomem o que é positivo, ou seja, mesmo sendo fakes, mesmo sendo bizarros e insólitos, é tudo aquilo que esse público quer ouvir, e por isso funciona.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- APPLEBAUM, Anne. **O crepúsculo da democracia**: como o autoritarismo seduz e as amizades são desfeitas em nome da política. Rio de Janeiro; Editora Record, 2020.
- BOLSONARO, Eduardo; MENDES, Matheus Colombo. **Jair Bolsonaro**: o fenômeno ignorado. Volume 1: eles não entenderam nada. Campinas, SP: Vide Editorial, 2022.
- BLACKMORE, Susan. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- BRODIE, Richard. **Vírus da mente**. São Paulo: Cultrix, 2009.
- CHAGAS, Viktor. A febre dos memes políticos. *In*: CHAGAS, Viktor (org.). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.
- CURTIS, Neal. **Sovereignty and superheroes**. Manchester: Manchester University Press, 2016.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DITTMER, Jason. **Captain America and the nationalist superhero**: metaphors, narratives, and geopolitics. Filadélfia: Temple University Press, 2013.
- GRESH, Lois; WEINBERG, Robert. **A ciência dos super-heróis**: como o conhecimento científico explica os poderes de Super-Homem, X-Men, Homem-Aranha e outros grandes personagens dos quadrinhos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- HAN, Byung-Chul. **A agonia do eros**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- HASSLER-FOREST, Dan. **Capitalist superheroes**: caped crusaders in the neoliberal age. Winchester: Zero Books/John Hunt Publishing, 2012.
- HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet**: uma perspectiva semiótica. 2015. 191f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- JEFFRIES, Adrienne. In 2012 election, the meme factory hones its assembly line. **The Verge**. Publicado em 24 de outubro de 2012. Disponível em <https://www.theverge.com/2012/10/24/3541836/2012-presidential-election-memes> Acesso em 14 de março de 2023.
- JURGENSON, Nathan. What makes a meme. **Salon**. Publicado em 28 de outubro de 2012. Disponível em: https://www.salon.com/2012/10/28/what_makes_a_meme/ Acesso em 14 de março de 2023.

LAMERICHS, Nicolle; BÖHMER, Anna; NGUYEN, Dennis; MELGUIZO, Mari; RADOJEVIC, Radmila. Elite male bodies: The circulation of alt-Right memes and the framing of politicians on Social Media. **Participations Journal of Audience and Perception Studies**, v. 15, n. 1, 2018, p. 180 - 206.

LAWRENCE, John Shelton; JEWETT, Robert. **The myth of the American superhero**. Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2002.

MOSSE, George L. **Nationalism and sexuality**: respectability and abnormal sexuality in modern Europe. New York, NY: Howard Fertig, 1985.

NAKAMURA, L. "I will do everything that am asked": scambaiting, digital show-space, and the racial violence of social media. **Journal of Visual Culture**. Londres, vol. 13, n. 3, p. 257-274, 2014.

ORWELL, George. Notas sobre o nacionalismo. In: ORWELL, George. **Porque eu escrevo e outros textos**. Porto Alegre: L & PM Editores, 2022.

ROSA, Vilma. **Autoritarismo**. São Paulo: Lafonte, 2020.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Cambridge: The MIT Press, 2013.